

Literatura infantil em cena: perspectivas para a formação do cidadão nos livros de Pedro Bandeira

SIMONE APARECIDA DUPLA*

ROSANI GONÇALVES DE ALMEIDA**

Resumo: No mundo da literatura infantil e infanto-juvenil, o conteúdo muitas vezes parece repetitivo. Não é apenas um arranjo estético, onde a beleza da conclusão acaba sempre em “felizes para sempre”, embora tenha havido algumas mudanças significativas em relação à adequação da linguagem e do contexto na contemporaneidade. As fábulas, contos e histórias tem uma função pedagógica, uma espécie de história *magistra vitae*, pois sempre trazem uma lição a ser apreendida pelo jovem leitor. Nesse sentido, a escola tem papel fundamental no processo de formação do cidadão, cujos valores e atitudes venham a contribuir para a sociedade. Assim, o presente trabalho teve como objetivo analisar o conceito de moral constante em três obras do escritor Pedro Bandeira, como forma de discurso que interfere na formação do jovem leitor. As obras analisadas foram: *A pequena Bruxa*, *O fantástico mundo de Feiurinha* e *É proibido miar*. Percebeu-se que o uso das narrativas literárias pelos educadores, mais do que apresentar apenas o belo ou o mundo da fantasia contribui para a formação de um leitor crítico. Por meio de temas em que a moral, os valores e paradigmas sociais são abordados o leitor é levado a repensar pré-conceitos e estereótipos negativos de gênero, etnia e classe social.

Palavras-chave: literatura infantil; formação do leitor; narrativa.

Abstract: In the world of childhood and children's literature, the content often seems repetitive. It's not just an aesthetic arrangement, where the beauty of completion always ends up in "happily ever after", although there have been some significant changes regarding the suitability of language and the context in contemporary times. Fables, tales and stories have an educational function, a kind of *magistra vitae* history, as always bring a lesson to be learned by the young player. In this sense, the school has a fundamental role in the national training process, whose values and attitudes will contribute to society. Thus, this study aimed to analyze the concept of moral in three works of the writer Pedro Bandeira, as a form of speech that interferes with the formation of the young player. The works analyzed were: *The Little Witch*, *The fantastic world of Feiurinha* and *Is prohibited meow*. It was noticed that the use of literary narratives by educators, more than just present the beautiful fantasy world or contributes to the formation of a critical reader. Through themes where morals, values and social paradigms are approached the reader is led to rethink prejudices and negative stereotypes of gender, ethnicity and social class.

Key words: children's literature; training of the reader; narrative.



* **SIMONE APARECIDA DUPLA** é Mestra em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, tutora do curso de Licenciatura em História – EaD, UEPG.



** **ROSANI GONÇALVES DE ALMEIDA** é Especialista em Contação de História, professora de Educação Básica.

A literatura infantil nossa de cada dia.

No mundo da literatura infantil, o conteúdo muitas vezes parece repetitivo. Não é apenas um arranjo estético, onde a beleza do fim acaba sempre em “felizes para sempre”, embora essa perspectiva tenha algumas mudanças significativas em relação à adequação à linguagem e contexto na contemporaneidade. As fábulas, contos e histórias infantis tem uma função pedagógica, uma espécie de história *magistra vitae*, pois sempre buscam dar exemplos, sempre trazem uma lição a ser apreendida pelo jovem leitor.

Um dos temas que podem ser encontrados em diversos textos infantis e infanto-juvenis é o da moral¹, que visa à reflexão ou o direcionamento ao leitor em caminhos acerca do certo e errado, bom e mal, verdadeiro e falso, etc. Essas diretrizes quando relacionadas às instituições de saberes procuram trazer normas e condutas aceitáveis para seu público alvo, ou seja, agregar valores aos cidadãos em processo de formação.

O uso do discurso literário, com conteúdos relacionados a esses aspectos, em obras infantis e infanto-juvenis tornou-se instrumento constante em sala de aula. A literatura infantil para se trabalhar a moral é amplamente utilizada pelos educadores em suas experiências didáticas. Daí a importância na escolha das obras, uma vez que a escola tem papel fundamental no processo de formação do cidadão,

¹ A moral é entendida aqui como um conjunto de regras adquiridas através da cultura, da educação, da tradição e do cotidiano, e que orientam o comportamento humano dentro de uma sociedade.

cujos valores e atitudes venham a contribuir para a sociedade.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a moral constante em três obras de Pedro Bandeira como forma de discurso que interfere na formação do caráter do jovem leitor. Para tanto fez uso do conceito de representação de Roger Chartier e das noções de narrativa de Roland Barthes. As obras analisadas foram: *A pequena Bruxa*, *O fantástico mundo de Feiurinha* e *É proibido miar* que podem trazer luz a questões importantes sobre a temática.

Os caminhos da narrativa: entre a oralidade e a escrita.

A literatura infantil e infanto-juvenil sofreu um grande salto na atualidade, não apenas em relação aos seus temas, mas nas abordagens e releituras dos grandes clássicos. No entanto, longe de ser uma concepção nova, esses olhares refletem as problemáticas de nosso tempo, cada literatura, em seu tempo e contexto já teve como objetivo dar formas alegóricas ou análogas às realidades as quais pertenciam.

Um exemplo disso é a clássica história de Chapeuzinho Vermelho, imortalizada por meio da escrita pelas mãos dos irmãos Grimm. Porém, antes dessa fábula ser escrita, uma tradição oral muito mais antiga, já contava essa aventura há muito tempo em território francês, como nos informa o historiador Robert Darnton.

Longe também de uma história com final feliz ou de ser um conto inocente, a narrativa original incluía um ato de canibalismo com a avó e de um strip-tease da menina antes de ser devorada (DARNTON, 1996). Com esse pequeno exemplo, percebemos que as histórias foram sendo adaptadas de acordo com

os contextos e seus públicos alvos, mas quase sempre aparecem com temas moralizantes e paradigmáticos.

Outro bom exemplo seria a versão primitiva da Bela Adormecida, segundo Robert Darnton:

O Príncipe Encantado, que já era casado, viola a princesa e ela têm vários filhos com ele, sem acordar. As crianças, finalmente quebram o encantamento, mordendo-a durante a amamentação, e como o conto então aborda seu segundo tema: as tentativas da sogra do príncipe, uma ogra, de comer sua prole ilícita (DARNTON, 1996, p.28).

As histórias serviam a determinado propósito, assim, para o autor “longe de ocultar sua mensagem com símbolos, os contadores de histórias do século XVIII, na França, retratavam um mundo de brutalidade nua e crua” (DARNTON, 1996, p.29). Dessa forma, de suas origens partilhadas na oralidade dos camponeses aos livros em estilo romanesco dos irmãos Grimm, de Perrot, entre outros, as narrar histórias para revelar uma situação real parecem ter sido uma constante no cotidiano da humanidade.

Nesse sentido, as considerações de Roland Barthes, acerca da narrativa são de grande importância para a temática, pois o autor nos revela que não existe uma única forma de se narrar, já que a narrativa está presente em diversas formas de comunicação.

Segundo o autor, a narrativa “pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias” (BARTHES, 2011, p.19). Portanto pode ser encontrada em obras de arte, em

revistas, quadrinhos, nos vitrais da Idade Média, nas histórias de Cordel ou em jornais. Para Roland Barthes a narrativa “está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia” (BARTHES, 2011, p.19) e em tantas outras formas de comunicação.

Ainda segundo o autor:

sob as formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes todo o grupo humano tem suas narrativas (...) a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural (BARTHES, 2011, p.19).

Nesse sentido, a narrativa seria um discurso sobre o mundo, ou sobre uma parte específica dele, seria também uma forma de representar o mundo. Em relação à narrativa em sua forma literária, Roland Barthes acredita que esta tenha uma identidade compartilhada com a linguagem, pois a utiliza como instrumento para expressar ideias, paixões e beleza. Daí o encantamento da infância pelas fábulas, contos fantásticos e as mais diversas histórias, que na maioria das vezes, o público infantil só trava conhecimento no ambiente escolar.

Assim, no espaço escolar, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, o papel da literatura é primordial, tanto na formação do sujeito leitor, quanto no próprio processo de alfabetização a que este sujeito está inserido. O espaço escolar torna-se responsável pela

preservação e continuidade das narrativas orais, sejam baseadas na história de vida dos educandos ou daquilo que eles conhecem acerca do mundo, sua bagagem extra-classe.

Além da oralidade, os primeiros passos no mundo do letramento são marcados pelas paisagens dos contos de fadas, pelas pequenas histórias infantis, de Esopo, dos Irmãos Grimm, de Monteiro Lobato e outros tantos. Dessa forma, o espaço escolar oferece caminhos possíveis para o encontro com a literatura e para uma leitura do real, uma vez que um de seus objetivos é a formação do cidadão crítico.

Sobre o papel da escola na formação do leitor, Sílvia Cristina Fernandes Paiva e Ana Arlinda Oliveira acreditam que:

a escola tem como uma de suas funções primordiais a formação do indivíduo leitor, pois ela ocupa o espaço privilegiado de acesso a leitura, é imprescindível que a escola crie possibilidades que oportunizem o desenvolvimento do gosto pela leitura por intermédio de textos significativos para os alunos (PAIVA & OLIVEIRA, 2010, p. 23).

Para as autoras, a literatura infantil e a escola sempre caminharam juntas, além disso, “os livros infantis encontram na escola, o espaço ideal para garantir atenção de seus leitores, mesmo que estes sejam utilizados como leitura obrigatória e usados como pretextos utilitários, informativos e pedagógicos” (PAIVA & OLIVEIRA, 2010, p. 23).

É importante salientar que a literatura infantil constitui uma imagem do mundo, cercada de alegorias, de cores e fantasias, é uma representação do mundo criada para ser vista. Nesse

sentido, a noção de representação de Roger Chartier contribui para um melhor entendimento acerca da apropriação da narrativa literária.

Para o autor as representações dizem respeito ao modo como em “diferentes lugares e tempos à realidade social é construída, pensada, dada a ler” por diferentes grupos sociais. Assim, por meio de esquemas intelectuais, produzidos por determinado grupo, os sujeitos históricos criam figuras as quais possibilitam que o presente adquira sentido (CHARTIER, 1990, p. 17). Dessa forma, podemos entender as narrativas infantis como sendo representações do mundo que tem o real como referente.

Contudo é importante salientar que as “estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais e discursivas) que constroem as suas figuras” (CHARTIER, 1990, p. 27).

No plano da literatura infantil, essas figuras dizem respeito a moral, as tradições, ao belo e aos conflitos da sociedade, ou seja, as múltiplas facetas de nossas relações sociais. As personagens fantásticas, os símbolos, a performance e as formas que as protagonistas assumem têm muito a dizer acerca dos conflitos de seu tempo, já que assumem papéis que em muitos aspectos servem como protótipo da sociedade.

A leitura é uma forma de apreensão do mundo, seus valores e histórias vêm acompanhados de enredos que atraem, encantam e cativam. Para Chartier “ ler (escutar) uma narrativa não é somente

passar de uma palavra a outra, e também passar de um nível ao outro”, pois “a significação não está ‘ao cabo’ da narrativa, ela a atravessa” (CHARTIER, 1991, p. 27).

Embora o livro tenha ganhado com a modernidade, segundo Paiva & Oliveira, o status de produto de consumo, ou pressupostos de massificação para melhor atingir as classes populares, “o livro nunca perdeu sua magia. Por meio do livro o leitor é capaz de projetar-se ao mundo da ficção. A leitura é a passagem do mundo real para o mundo encantado dos livros” (PAIVA & OLIVEIRA, 2010, p. 25). Assim, real e imaginário se entrelaçam no relato e permitem aos leitores outras formas de perceber o mundo e de construir sentidos.

Ainda segundo as autoras:

Os contos infantis possibilitam o despertar de diferentes emoções e a ampliação de visões de mundo do leitor infantil. E nesse encontro com a fantasia, a criança entra em contato com seu mundo interior, dialoga com seus sentimentos mais secretos, confronta seus medos e desejos escondidos, supera seus conflitos e alcança o equilíbrio necessário para seu crescimento (PAIVA & OLIVEIRA, 2010, p. 26).

E essas visões do mundo encantado podem estar permeadas de conflitos do mundo real, há, portanto, uma dialética, uma circularidade entre a forma que o mundo se apresenta daquela que o mundo representa, ou daquela que o jovem leitor tem contato no seu cotidiano e no espaço escolar. Muitas vezes, os conflitos dizem respeito às ideias do bom e mau, do belo e do feio, do certo e errado, das formas de agir, de sentir e de

expressar do grupo a qual ele pertence. Afinal, embora aspire à universalidade, as representações “são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam” (CHARTIER, 1990, p.17).

Como espaço de interatividade a escola procura trabalhar as diferenças para que elas não se transformem em desigualdades, por isso, a importância da literatura para se trabalhar estereótipos sociais e desmitificar formas comportamentais de gênero, etnia e classe social.

Nesse sentido, Paiva & Oliveira acreditam que é “por meio do imaginário que a criança reconhece suas próprias dificuldades e aprende a lidar com elas, podendo assim, se reconhecer melhor e se conhecer como parte integrante do mundo que a cerca” (PAIVA & OLIVEIRA, 2010, p. 27). Percebe-se que a literatura, nesse sentido, pode trazer importantes debates revestidos de formas simbólicas, como por exemplo, as diferentes maneiras de aceitar uma diferença.

Embora o trabalho Paiva & Oliveira tragam uma contribuição importante, não é possível concordar com sua visão acerca do profissional da educação e do próprio educando. Há muito tempo a ideia de professor como figura dominante e guardião do saber não faz mais parte do cotidiano escolar, assim como a ideia dos educandos como tabuas rasas, como objetos moldáveis pela mão hábil do educador. Se como as autoras afirmam “o professor, figura dominante, utiliza a literatura infantil para transmitir normas de obediência e bom comportamento” (PAIVA & OLIVEIRA, 2013, P.27), o objetivo da escola de formação de um cidadão

crítico ficaria apenas ao nível do discurso, o que não parece corresponder à realidade.

A literatura infantil é e deve ser sempre uma leitura agradável, como acreditam também as autoras, não uma imposição utilitarista. Percebe-se que a grande quantidade de projetos que surgem no âmbito escolar, desde o início do século XXI, vem contribuindo pedagogicamente para se criar gosto pela leitura, em um país cujos índices de analfabetismo eram imensos em relação ao sistema gráfico, mas que ainda engatinha no processo de eliminação do analfabetismo funcional.

Nessa perspectiva, a professora Sueli de Souza Cagneti, acredita que a formação do leitor é umas das atividades fundamentais da escola. E que para “um trabalho significativo e sistemático com a leitura literária, devem-se levar em consideração os critérios de seleção das histórias, bem como as estratégias de exploração lúdica do texto a ser destinado às crianças” (CAGNETI, 2013, p.33).

Sendo assim, as histórias, contos de fadas, e tantos outros contos da literatura infantil tornam-se importantes quando pensamos na formação do cidadão, cujos valores precisam ser apresentados para o bem coletivo e devem ser cultivados desde cedo.

Pedro Bandeira e seu discurso literário: interpretações possíveis.

Em relação às questões que abordam os conflitos da sociedade, valores e respeito às diferenças, a literatura infantil, do escritor Pedro Bandeira, parece ter muito a dizer. Com uma narrativa fácil, mas sempre voltada a questões importantes da sociedade, seus livros à moda de Esopo, sempre tem um

fundo moral, uma lição a ensinar, que em muitos casos é plural.

Pedro Bandeira se dedica aos livros de literatura infanto-juvenil desde 1983, já escreveu diversos títulos, entre eles *A pequena Bruxa*, já em segunda edição em 2009, *O fantástico mistério de Feiurinha*, em terceira edição também em 2009 e *É proibido miar*, já em quarta edição, neste mesmo ano. *A pequena bruxa* foi escrito juntamente com Carlos Edgard Herrero, que também é design, ela conta a história de *Lalá*, uma bruxinha que era a primeira de sua classe e teve a chance de se formar antes de todos, fazendo seu teste prático de maldades no mundo das pessoas comuns. *Lalá* praticou inúmeras maldades nada convencionais, pois de maldade nada tinham afinal: ajudou animais indefesos, a natureza e as pessoas idosas. As maldades praticadas pela pequena bruxa contradizem a velha ideia da bruxa má dos antigos contos de fada.

Também rompem com ideias pré-concebidas sobre o certo e o errado, trazendo certa inversão de conceitos. A ideia de bruxas como seres que jamais praticam a bondade, tem sido revista já há algum tempo, um exemplo recente disso, é o clássico *A Bela Adormecida* que ganhou uma nova versão no primeiro semestre de 2014, mostrando uma Malévola heroína, defensora do mundo mágico contra a cobiça e sede de poder dos seres humanos. A noção do que seria amor verdadeiro também foi revisto, além de outros estereótipos que não discutiremos aqui, pois não é objeto desse trabalho.

As bruxas, seres que antes apareciam como semeadoras de maldades são apresentadas agora como paradigmas a

serem seguidos, suas representações que antes eram negativas, agora esbanjam valores morais e altruístas. Assim *Lalá* só é má devido a sua antiga representação, presente no imaginário coletivo herdado pelos clássicos e pela tradição oral antiga.

Percebe-se que na atualidade a bruxinha representa o bom aluno, dedicado e curioso. As ações praticadas falam de preservação do meio ambiente, de cuidado com os animais e atenção com os idosos. *Lalá* aparece como um modelo a ser seguido de maldade às avessas.

Já o *Fantástico mistério de Feiurinha* aborda não apenas a ideia de beleza e bondade, mas traz reflexões sobre humildade, tradição oral e sobre o próprio ofício de escritor. Além disso, pensa sobre a escrita das personagens fantásticas, que precisam ser criadas para que a haja um enredo.

O *fantástico mistério de Feiurinha* apresenta como enredo dois mundos em paralelo: o humano e o mundo dos contos de fadas. A história se inicia no mundo real, onde um escritor sem inspiração, não consegue encontrar nem mesmo o tema do livro que quer escrever.

As personagens do mundo encantado são as princesas dos contos de fadas, que em muitas passagens mostram uma face egocêntrica. O escritor mostra o que poderia ter acontecido depois dos “felizes para sempre”, em que as princesas gordas e cheias de filhos vivem de rememorar sua própria história. Os príncipes aparecem caricaturados de maridos ociosos, sempre com desculpas para ficar longe da grande prole.

Além dos papéis de gênero, o enredo traz a importância das histórias infantis contadas pelas avós, que hoje precisam ser imortalizadas pela escrita para que seus protagonistas não deixem de existir. Este é o caso de *Feiurinha*, cuja história ninguém escreveu e, portanto, estaria fadada a cair no esquecimento.

Ao representar as personagens dos contos de fadas como matronas gordas, com suas pencas de filhos, os príncipes como senhor feudais, cuja única aventura seria caçar nos bosques, o autor aponta para uma continuação dos clássicos a que o leitor não tem acesso, mas que com certeza já deve ter se questionado. O escritor parece trazer a monotonia em que os casamentos podem vir a se tornar, pois não há mais aventuras a serem vividas, bruxas a perseguir princesas, dragões a serem mortos.

Mas a questão chave do livro é o alerta do escritor para a questão da memória dos contos de fadas, ela não é eterna e corre o risco de se perder na oralidade, uma vez que não a preservamos, assim, as histórias precisam ser imortalizadas na escrita. As tradições orais passadas pelas avós estão sendo esquecidas, e, essas mulheres, que guardam esses relatos, não estão sendo lembradas. Segundo Pedro Bandeira as antigas contadoras de história:

foram mulheres que não deixaram seus nomes para a História, mas que, provavelmente analfabetas e pobres, usaram a imaginação para aquecer os corações das crianças nas noites geladas, quando o vento e os lobos uivavam lá fora e quando a fome causada pela pobreza e pelo rigor do inverno impedia que o sono viesse (BANDEIRA, 2009, p.64).

Por isso, o escritor acredita que a literatura infantil é devedora dessas mulheres que não tiveram seus nomes lembrados por Clio, mas que criaram “contos maravilhosos como alternativa à dor da fome, à desesperança da pobreza, ao medo das feras, ao tiritar do frio, à ameaça sempre presente da morte” (BANDEIRA, 2009, p.64).

Em *O fantástico mistério de Feiurinha*, o escritor representa essas mulheres na personagem de sua idosa governanta, buscando demonstrar que as memórias dos idosos são portadoras de riquezas, armazéns de experiência e sabedoria. Na narrativa, o autor sem inspiração, recorreu a todos os especialistas e eruditos do mundo, sem sucesso, em busca da história da princesa *Feiurinha* e acabou por encontrá-la próxima a si, no elemento que está sendo desprezado pela sociedade hodierna: seus anciãos.

Já em *É proibido miar*, o autor traz os conflitos de diferenças sociais e étnicas. E para quem tem um olhar mais atento, também é possível perceber questões de gênero, que se encontra em debate na atualidade. O enredo apresenta um pequeno cão chamado *Bingo*, filhote de boa família, educado de forma primorosa pela mãe.

Esse pequeno cão apresenta características dissonantes da família desde sua infância, o autor frisa que este sempre foi diferente, pois nem os cães vira-latas ele desprezava. Sempre disposto a brincadeiras e aberto às novidades, *Bingo* travou amizade com um gato e ao contrário dos seus irmãos aprendeu a miar, causado desgosto aos progenitores e espanto aos seres humanos.

Miar, como explica o escritor, não era coisa de cachorro, principalmente um de

boa família, nem mesmo os humanos que pareciam gostar de suas peraltices, não aceitaram tal coisa. O pobre cãozinho foi enviado a um canil, e lá também sofreu o desprezo de seus semelhantes desafortunados, que também acreditavam que miar não era para cães. *Bingo*, então, foi taxado de louco.

Essa história teve um final feliz, assim como as outras, pois o cão conseguiu fugir juntamente com seu amigo gato e contente mia pelos telhados da vida. A indiferença dos grupos, as questões de identidade, a intolerância, a amizade, a incompreensão e a desconstrução de estereótipos fazer parte da história do cãozinho que aprendeu a miar. Que aprendeu a falar outras línguas.

Bingo representa, alegoricamente, pessoas que fogem dos estereótipos impostos pela sociedade, que não se enquadram nos modelos de conduta e normas socialmente sancionadas. Ele foge as regras de convivência, de distinção de grupos, transgredir o aceitável como normal, como padrão, transgredir os paradigmas do grupo que nasceu e quer viver outra identidade, deseja ser livre.

As discussões sobre as diferenças estão presentes na atualidade, as diversas matizes de que sociedade é formada, é palco de contradições e duelos de aceitação a alteridade. Nesse sentido, as representações do certo ou errado, são forjadas para proteção e perpetuação do grupo, o que faz com que o elemento que destoe deste seja rejeitado, perseguido e intimidado.

O espaço escolar é permeado de diferentes grupos, de realidades múltiplas tanto econômicas quanto psicológicas. Saber como lidar com essa

pluralidade é papel do professor, que assume a função de mediador de conflitos, daquele que traz questões a serem pensadas, de desmistificador de pré-conceitos herdados de nossa cultura colonialista.

Assim, a literatura infantil vem contribuir para essas discussões, pois conseguem se aproximar de forma lúdica e aguçar a criticidade dos jovens leitores. Por meio dos clássicos ou da releitura destes, ou ainda, da criação de outras personagens, a narrativa literária traz diálogos importantes que precisam ser abordados.

Revisão, reinvenção, tradição ou construção, a narrativa literária pode ter diversas formas e também diversos conteúdos. É importante frisar que a história infantil tem o real como ponto de referência, seus modelos de conduta, suas filosofias e ideologias trabalham pedagogicamente na construção de um modelo ideal de ser humano e de mundo, como um espelho mágico que busca refletir a sociedade ao qual pertence.

Considerações finais

As narrativas infantis, sempre estiveram presentes no cotidiano escolar, assim como no cotidiano das pessoas comuns ou não. Sob a forma de oralidade ou nos velhos clássicos, dos autores por nós conhecidos, as narrativas são maneiras de ver e ler o mundo ao nosso redor. São representações acerca do vivido.

Ao iniciar a leitura, os sujeitos adentram em outros universos, mais ricos em cores, em seres fantásticos, em magia e fantasias. As personagens criam vida diante do olhar ou dos ouvidos atentos do leitor, pois a leitura tem múltiplas interpretações possíveis, ela é plural, dinâmica e mutante.

A leitura possui diversas funções, os relatos são criados para determinado fim, estão subordinados aos seus contextos, mas podem não ter outro fim, além do estético ou do exótico, para sociedades e leitores para os quais não foram criados. São adaptadas de acordo com o público alvo a que se destinam e imortalizadas na memória, na tradição oral e/ou na escrita.

Assim, as narrativas de Pedro Bandeira falam aos seus leitores de diversos assuntos que fazem parte da realidade pós-moderna. Sob a forma de animais falantes, de seres fantásticas vivendo pequenas aventuras ou da releitura de clássicos antigos, os conflitos do nosso tempo levam o leitor a repensar suas escolhas e atitudes.

Em relação a moral presente nas obras literárias e sua aplicabilidade na escola, conclui-se que esta pode ser um excelente instrumento no apoio a formação do leitor cidadão se utilizada de forma adequada pelo profissional da educação.

Percebe-se que a escola traz desde suas séries iniciais diferentes formas de compreender o mundo e a alteridade. Sendo assim, a narrativa literária, mais do que apresentar apenas o belo ou o mundo da fantasia contribuiu para a formação de um leitor crítico. Por meio de temas em que a moral e/ou os valores, os paradigmas sociais são abordados, o leitor é levado a repensar pré-conceitos e estereótipos negativos de gênero, etnia, classe social, entre outros.

As abordagens da narrativa literária fazem o leitor pensar, mas essa reflexão deve vir acompanhada de discussões orientadas pelos professores, que muitas vezes deixam de lado os chamados

temas transversais ao darem ênfase aos temas conteudistas. A formação do leitor cidadão encontra nas obras de Pedro Bandeira temáticas que dizem respeito às questões de nosso tempo, narrativas que ajudam a reflexão, elemento essencial para criticidade.

Referências

BANDEIRA, Pedro. *É proibido miar*. 4ª edição. São Paulo: Moderna, 2009.

_____. *O fantástico mistério de Feiurinha*. 3ª edição. São Paulo: Moderna, 2009.

BANDEIRA, Pedro; HERRERO, Carlos E. *A pequena bruxa*. São Paulo: Moderna, 2009.

CAGNETI, Sueli de Souza. *Leituras em contraponto: novos jeitos de ler*. São Paulo: Paulinas, 2013.

CHARTIER, Roger. *A história cultura: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2ª edição. Lisboa: Difel, 1990.

_____. *O mundo como representação*. Estudos Avançados: n. 11, v. 5, 1991, p. 173-191.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro. Graal, 1996.

BARTHES, Roland et. al. *Análise estrutural da narrativa*. Tradução Maria Zélia Barbosa Pinto. 7ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes; OLIVEIRA, Ana Arlinda. A literatura infantil no processo de formação do leitor. *Cadernos da Pedagogia*. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 22-36, jan -jun. 2010

Recebido em 2016-07-15
Publicado em 2017-03-06